

DO FEMININO EM FREUD, OU DA MULHER COMO SER “ENCURTADO”

Laura Ferreira dos Santos
Universidade do Minho

De acordo com Freud, “masculino ou feminino é a primeira diferenciação que fazemos quando nos encontramos com outro ser humano, estando habituados a fazer esta diferenciação com uma segurança sem hesitações”¹. No entanto, esta segurança é para Freud bastante ilusória, pois por trás desta aparente facilidade há toda a dificuldade de se tentar pensar as mulheres e os homens na sua mútua diversidade e identidade. Pois como pensar o seu inter-relacionamento se o “feminino” – *das Weibliche* – sempre foi o grande enigma (termo utilizado por vezes pelo próprio Freud a este respeito²) que conseguiu opor resistência à teoria psicanalítica?

O “feminino” assedia a psicanálise desde o começo, poderíamos mesmo dizer que a põe em movimento ao fazer com que Freud se defronte com o fenómeno histórico, geralmente colocado do lado das mulheres, mas, ao mesmo tempo, também desde o começo, resiste ao seu esforço de compreensão teórica. Numa carta de 5 de Novembro de 1899 ao seu amigo Wilhelm Fließ, a mesma que dá conta da publicação da *Traumdeutung* no dia anterior, Freud confessa que teria gostado de lhe falar um pouco acerca da teoria sexual, sobre a qual começa a ter algumas ideias plausíveis. Não o faz, porém, pois há algo com que ainda não sabe lidar e que o torna inseguro: o aspecto feminino da questão. E para assinalar e como que exorcizar as suas dúvidas, antes do termo “feminino”, Freud, judeu e ateu, desenha três cruces cristãs: “[...] allein mit dem Weiblichen weiß ich noch gar nichts anzufangen [...]” (Freud, 1986: 420). Curiosamente, é também traçando três cruces antes do termo Alemanha que Freud, em 20 de Novembro de 1938, numa carta a Jeanne Lampl-de Groot, se refere às más notícias que provêm desse país (cf. Freud, 1992: 251), cruces tanto mais significativas quanto, nesse mesmo mês, a *Kristallnacht* já se encarregara de fazer muitas vítimas entre os judeus. Na obra *Chronique la plus brève*, que apresenta e comenta os cadernos de apontamentos pessoais que Freud foi escrevendo entre 1929 e 1939, estas cruces são objecto de uma nota explicativa: trata-se, dizem-nos, de um costume dos camponeses que implicava traçar “três cruces a giz sobre as portas para se protegerem dos poderes maléficos”, remetendo assim este sinal para uma “realidade indescritível” (*ib.*).

Talvez se julgue exagerada e de mau gosto esta aproximação entre as reacções negativas

que a mulher e a Alemanha nazi provocaram em Freud e, obviamente, elas não podem situar-se ao mesmo nível de intensidade. No entanto, e não obstante as diferenças, dir-se-ia haver nas duas algo temível que devia ser exorcizado.

O feminino resiste-lhe, mas Freud tentará quebrar a sua resistência, à procura da chave que lhe possibilitará abrir a via para as Mães de que fala Goethe no *Fausto*. Joseph Breuer, diante de uma Anna O. em convulsão que lhe dizia estar em vias de dar à luz uma criança dos dois, teve diante de si essa chave, escreve Freud a Stefan Zweig em 2 de Junho de 1932 (cf. S. Freud, 1991: 447-8). Simplesmente, Breuer empreendeu então a fuga e deixou a chave cair – é que ele não tinha nada de faustiano, afirma, não obstante as suas grandes qualidades intelectuais. Freud-Fausto tentará a sua sorte. De uma forma mais clara, visível e conceptual, tratará do “masculino”. Mas como se poderá esquecer que este é um “masculino” rodeado por um “dark continent” feminino de difícil apreensão, contendo a mulher uma fase pré-ediapiana assimilada por Freud a uma civilização minóico-micénica por trás da civilização grega (cf. SA, V: 276)? Que significa, afinal, dizer-se que o pré-ediapiano feminino é minóico-micénico e o Édipo masculino, subentende-se, é grego?...

No espaço breve de uma comunicação, não terei oportunidade de aprofundar as questões que acabo de sugerir. Tentarei, no entanto, estabelecer o que me parecem ser algumas pistas significativas que desenvolverei num trabalho futuro.

De acordo com o próprio Freud, há uma denominada “pré-história da mulher” (*die Vorgeschichte des Weibes*, SA, I: 561), correspondente a um período de intensa ligação à mãe. Porém, nesta sua pré-história, a mulher não foi do sexo feminino, mas masculino. Para utilizar as palavras do próprio Freud, diria que esta pré-história da mulher corresponde afinal a uma pré-história masculina (*männliche Vorzeit*, cf. SA, I: 561). Por outras palavras ainda, “a vida sexual da mulher divide-se regularmente em duas fases, tendo a primeira um carácter masculino; apenas a segunda é a especificamente feminina”³. Claro que, nas *Novas Lições*, ao afirmar-se que “a pequena menina é um pequeno homem” (“das kleine Mädchen sei ein kleiner Mann”, SA, I: 549), essa identificação é colocada na fase fálica, acrescentando-se, aliás, que com a entrada nesta etapa, as semelhanças entre os dois sexos superam de longe as possíveis dissemelhanças. No entanto, logo no começo do parágrafo que contém estas afirmações, escreve-se que os dois sexos parecem viver do mesmo modo as fases precoces de desenvolvimento da libido. Portanto, parece ser legítimo dizer-se que já antes da fase fálica a menina não se distingue grandemente de um menino. A pergunta que então se pode colocar é a de saber como, de acordo com o pensamento de Freud, se pode explicar esta similitude, ou em que é que Freud se baseia para defender nestas fases uma tão grande aproximação de comportamentos.

Para obtermos uma resposta, não temos outro remédio senão avançar pelo modo como a menina, na fase pré-ediapiana, estabelece uma tão grande ligação à mãe. Voltemo-nos então para a 3ª parte da obra *Sobre a sexualidade feminina* (1931), iniciada precisamente por

uma pergunta que vem de encontro aos nossos interesses: o que é que afinal a menina reclama ou pretende da mãe? De um modo imediato e rápido, Freud afirma que os fins sexuais da menina em relação à mãe tanto são de carácter activo como passivo. Mas logo a seguir, tendo a clara percepção de que tocou num assunto altamente significativo, o das relações a estabelecer entre passividade e actividade, assunto que assedia igualmente a psicanálise desde os seus inícios, Freud larga de momento o que se passa com a menina e, mesmo sem fazer qualquer parágrafo, começa a falar de algo que lhe parece ser uma característica das crianças em geral, e não apenas no campo sexual, mas em toda a vida psíquica: uma denominada “revolta contra a passividade e uma preferência pelo papel activo” (“Eine Auflehnung gegen die Passivität und eine Bevorzugung der aktiven Rolle [...]”, SA, V: 285), algo que derivaria da necessidade de dominar o mundo exterior a que estão submetidas. Claro que nem todas as crianças conseguiriam efectuar com a mesma intensidade esta passagem da passividade para a actividade, podendo mesmo haver casos em que ela não seria possível. De qualquer modo, Freud expressa-se como se estes casos fossem uma espécie de excepção que confirma a regra.

Portanto, a revolta contra a passividade de que fala Freud implica que a criança queira fazer por si o que lhe fazem a ela, devolver em comportamento activo aquilo que recebe em comportamento passivo. Isto mesmo explicará os jogos das crianças, referindo Freud explicitamente o “brincar aos médicos” e o “brincar com bonecas”. No primeiro caso, o que acontece é a criança querer fazer a uma outra o que o médico lhe fez a ela, inspecionar a garganta, por exemplo. Quanto ao segundo caso, “brincar às bonecas”, deixemo-lo para já em suspenso. Permitam-me no entanto chamar a atenção para o facto de que, neste contexto de jogos infantis, é ainda à revolta contra a passividade que Freud atribui as repetições de impressões desagradáveis que a criança, em princípio, teria todo o interesse em evitar. Inevitavelmente, esta observação não pode deixar de nos recordar a experiência que, eventualmente, também estaria na mente de Freud ao escrever estas linhas: a do menino de um ano e meio de *Para além do princípio de prazer*, “abandonado” pela mãe durante algumas horas por dia e que se entretinha a mandar para longe uma bobina de madeira presa por um cordel, recolhendo-a em seguida. Experimentando com passividade a saída da mãe para o trabalho, o seu jogo seria afinal uma maneira de dominar a situação, como que devolvendo-a em comportamento activo: era ele que lançava a mãe fora, recolhendo-a em seguida⁴. Regressemos agora ao texto *Sobre a sexualidade feminina*.

Depois das suas considerações gerais sobre a revolta habitual da criança contra os comportamentos passivos, Freud afirma-nos que a própria relação precoce com a mãe, implicando uma grande passividade, pois dela recebe o alimento e todos os cuidados de que necessita para sobreviver, tenderá a ser de algum modo, e tanto quanto possível, transmutada numa relação activa, transformando por exemplo o acto de ser amamentada num outro em que é ela que mama activamente. Esta actividade, esta busca de autonomia (*Selbständigkeit*, SA, V: 286), para utilizarmos uma expressão do próprio Freud, manifesta-se igualmente no facto de

converter a mãe num objecto, colocando-se perante ela como sujeito activo. Ora este por menor, directamente relacionado com o que Freud designa de actividade propriamente dita, pareceu-lhe durante muito tempo, e como ele próprio escreve, inacreditável (*unglaublich*). Detenhamo-nos nesta afirmação.

Trata-se, a meu ver, de uma descrença pouco convincente, se com ela se quer englobar o comportamento de todas as crianças, qualquer que seja o seu sexo. Pois já não sabia Freud há muito – leia-se, por exemplo, o início do capítulo VII de *Psicologia de massas e análise do eu* (1921; SA, IX: 98), para não se remontar mais atrás – que desde muito cedo o menino efectua um claro investimento de objecto na mãe? Se a identificação do menino ao pai, consideada como a forma mais precoce de ligação afectiva a uma pessoa, é já algo de activo, como retirar essa actividade da sua ligação à mãe – nos termos em que Freud a coloca –, efectuada nessa mesma altura, ou mesmo que um pouco antes? Portanto, o que me parece que, durante muito tempo, surgiu como inacreditável a Freud foi o facto de *também* a menina actuar diante da mãe como um sujeito activo. Por isso mesmo, depois de referir a sua incredulidade, como se ela abrangesse as crianças em geral, Freud passa imediatamente a seguir a falar apenas do comportamento activo das meninas perante a mãe, como se de facto fosse isso que tivesse de demonstrar para acabar com as incredulidades. Assim, afirma que os seus jogos com bonecas expressam a princípio algo de activo e não passivo. Em *Sobre a sexualidade feminina*, embora concorde com a ideia de que o facto de as meninas brincarem mais com as bonecas do que os rapazes deve ser encarado como um “sinal de um despertar precoce da sua feminilidade” (“Zeichen der früh erwachten Weiblichkeit”, SA, V: 286), pede-se que não nos esqueçamos de que, desse modo, o que se manifesta é a faceta *activa* dessa feminilidade. Neste caso, a menina faz de conta que é a mãe, sendo a boneca ela própria, alimentando-a, lavando-a e cuidando dela como a própria mãe fazia em relação a si. A este propósito, as *Novas Lições* dão-nos mais esclarecimentos.

Na fase fálica do seu desenvolvimento – fase fálica não perturbada, especifica Freud – a menina desejara ter uma criança. No entanto, esse não era ainda um desejo que expressasse propriamente a sua feminilidade. Porquê? Porque o que a menina visava com esse comportamento era uma identificação à mãe, substituindo mais uma vez a passividade pela actividade, como é hábito entre as crianças. Daí que, no texto anteriormente referido, Freud, embora aceitando tratar-se aqui de uma actividade feminina, via-se na obrigação de chamar a atenção para o seu aspecto activo. Agora, nega mesmo que se trate de uma manifestação propriamente feminina. Porquê? Só posso vislumbrar duas razões: porque se trata de um comportamento demasiado activo, e porque não deriva de uma inclinação para o homem.

De acordo com Freud, o brincar com bonecas ou bonecos só será verdadeiramente um jogo feminino quando a boneca ou o boneco representar uma criança obtida do pai. Mas isso significará então que a menina terá entrado na fase da inveja do pénis, tendo aceite substituir o órgão desejado por uma criança, especialmente se for do sexo masculino. Neste caso, sim, o jogo seria verdadeiramente feminino (cf. SA, I: 558-9).

Regressemos de novo ao texto *Sobre a sexualidade feminina*. Um parágrafo depois de ter falado da sua incredulidade, Freud continua com um vocabulário relacionado com o espanto. Desta vez, é a actividade sexual da menina em relação à mãe, através de todas as fases de evolução da sua sexualidade, que é designada de extremamente surpreendente (“die so überraschende sexuelle Aktivität”, SA, V: 286). Um pouco mais adiante, deparamo-nos com um vocabulário semelhante. Quando a menina passa a ter um irmão ou irmã, crê ter sido ela a fazê-lo à mãe? É verdade, diz Freud, reage tal e qual como o menino. Parece muito absurdo, escreve – “das klingt ja genug absurd” (*ib.*: 288) –, mas talvez apenas porque nos soa a algo muito inabitual.

Lembremo-nos de que a própria descoberta da fase de vinculação precoce à mãe por parte da menina, o facto de a ir conhecendo, fora também por Freud considerado uma surpresa (*Überraschung*), comparável à descoberta da cultura minóico-micénica por trás da grega. Nesta comparação – e é de assinalar que as escavações arqueológicas de Heinrich Schliemann e de Arthur Evans, que se tinham voltado para a descoberta desta cultura, tinham sido realizadas na época do próprio Freud, havendo (pelo menos) uma referência a Evans em *O homem Moisés e a religião monoteísta* (cf. SA, IX: 495, nota 1) –, nessa comparação, dizia, o que é referido é apenas o elemento surpresa. Mas como não pensar noutras possíveis comparações ou associações? Pela minha parte, sugiro duas. Por um lado, tanto a a fase pré-ediapiana da menina como a cultura minóico-micénica acabam arruinadas ou destruídas. No caso da menina, claro que isso não é uma inevitabilidade. É, no entanto, a única hipótese que ela tem para aceder a uma posição dita “feminina”. Em segundo lugar, e na sequência do anterior, permito-me chamar a atenção para o facto de, a partir de certa altura, por alguma razão de que os historiadores não estão seguros, o povo micénico ter abandonado a escrita. Por isso, sem escrita, os cinco séculos que se seguiram ao colapso da sua civilização redundam em enigma, identificado por alguns como a idade grega das trevas. Neste caso, e por comparação, não posso deixar de pensar que, depois de um florescimento deslumbrante de actividade em que se afirma como sujeito, a menina se vê condenada a passar para o lado da passividade e do objecto, sem hipótese de escrever a sua própria vida ou história, passando do pai para o filho e depois para o analista, na procura ilusória de um órgão sexual masculino que, evidentemente, nunca irá obter. Idade das trevas da mulher? A sua actividade, era essa a sua escrita. Creio que poderemos mesmo dizer que Freud nunca falou tanto da mulher como ser activo como na descrição que neste texto faz do período pré-ediapiano da menina, não havendo nada de comparável na produção freudiana. Só que esta mulher de que fala, não é propriamente uma mulher – é apenas uma menina, melhor, uma menina transmutada em menino.

Depois desta fase minóico-micénica, depois deste florescimento, surgem as dificuldades. Freud já nos fora avisando algumas vezes: com as meninas, é tudo muito mais difícil e complicado que nos rapazes – têm não só de mudar de sexo, pois a princípio, como sabemos, são pequenos rapazinhos, como têm também de mudar de objecto sexual, passar da mãe ao pai, ou ao masculino. Mas porque é que Freud insiste em dizer que a menina é um pequeno

rapazinho? Fundamentalmente, creio, porque é activa. Usa o clítoris para obter prazer como o menino usa o seu pequeno pénis, deseja também fazer uma criança à mãe, devolve a passividade em actividade. E por mais que Freud nos vá aconselhando, aqui e acolá, a não fazermos coincidir o activo com o masculino e o passivo com o feminino, por se tratar de algo excessivamente convencional e pouco científico, na hora da verdade dir-se-ia que ele próprio não respeita os conselhos que foi distribuindo pela sua obra, e se torna ele próprio convencional. Deste modo, quando Freud, no texto *Análise terminável e interminável* (1937), coloca a hipótese de que o que ele chama de “rejeição da feminilidade” (“Ablehnung der Weiblichkeit”, SA: 392) possa afinal ser um facto biológico, “uma parte desse grande enigma da sexualidade”, estará com isto a invocar mais uma vez a inveja do pénis por parte das mulheres, e a dificuldade que os homens experimentam em ter uma atitude passiva em relação a outro homem. Aliás, e curiosamente, o termo que ele utiliza para expressar essa revolta, repúdio ou rejeição – *Ablehnung* –, foi o mesmo que alguns anos antes utilizara para falar da revolta ou repúdio das crianças pela passividade. Mais uma vez, o repúdio da passividade equivale a repúdio da feminilidade. Algo de semelhante acontece quando Freud fala da libido. Embora tendo a preocupação de dizer que não lhe devemos atribuir um sexo, pois que ela é única, com fins activos e passivos, não resiste a avisar-nos de que, de qualquer modo, nunca deveríamos falar de uma libido feminina. É que, explica, a libido parece ter sido objecto de uma maior coerção no que diz respeito às mulheres (cf. SA, I: 561-2).

Fundamentalmente, o grande choque que a menina vai receber depois do seu período minóico-micénico é o de reconhecer-se sexualmente “encurtada”, expressão utilizada pelo próprio Freud, mas que as traduções foram resistindo a transmitir na sua literalidade. Diante do órgão sexual de um menino, a menina, diz Freud, “num instante, faz o seu juízo e toma a sua decisão. Viu-o, sabe que não o tem, e quer tê-lo”⁵. Ao contrário do menino, a menina tem as suas evidências indiscutíveis. De minóico-micénica que era, a menina agora acorda grega e entra no período edípiano dito normal. A não ser, é claro, que se revolte de um modo excessivo contra a sua situação, e acabe eventualmente neurótica.

Não se pode dizer, no entanto, que o órgão sexual masculino esteja completamente ausente nela. Do que se trata verdadeiramente, di-lo Freud nalguns textos, não é da sua falha ou falta (*Fehlen*), mas da sua diminuição (*Verkleinerung*, cf. SA, V: 224). Ou, como escreve também, do seu “encurtamento”. A mulher pertence àquele sexo que, afirma, num ponto decisivo é um sexo encurtado – “das in einem entscheidenden Punkt verkürzte geschlecht” (SA, V: 262). Não deixa aliás de ser interessante observar o modo como algumas conhecidas traduções das obras completas de Freud lidaram com esta frase. Assim, a famosa *Standard Edition*, oferece-nos a seguinte versão inglesa: “a sex which is the lesser in so important a respect” (SE, XIX: 253). Mas um sexo que é o inferior, ou o que vale menos, “the lesser”, não é propriamente o mais curto. Quero supor que James Strachey teve os seus problemas em enfrentar-se com uma tradução literal. Talvez afinal seja menos ofensivo dizer-se que um sexo não tem e inveja o órgão sexual do outro, do que dizer que é um sexo encurtado.

Também numa outra frase de Freud, em que mais uma vez temos uma expressão com o termo “kurz”, escrevendo-se que a menina pensa que ela «“zu kurz gekommen” ist» (SA, V: 249), a *Standard Edition* evita de novo uma tradução com o termo “curto” ou “encurtado”, e apresenta a seguinte versão: «she perceives that she has “come off badly”» (SE, XIX: 178). No entanto, agora decidiu-se colocar a respeito desta frase uma nota explicativa, o mais breve ou encurtada possível, dizendo apenas: «Literally, “come off too short”». Portanto, a menina percebe que saiu demasiado pequena ou curta. Aliás, o contexto em que a frase se insere não deixa lugar para dúvidas: a menina, a princípio, lida com o seu clítoris como se fosse um menino. Depois, comparando as potencialidades dos dois órgãos, chega à conclusão de que «es “zu kurz gekommen” ist», «she has “come off too short”». Para além deste contexto, note-se que Freud, algumas vezes, fala do clítoris como sendo algo “klein”, pequeno (cf. por ex. SA, V: 260). Do pequeno ao curto ou encurtado não me parece que haja um longo caminho a percorrer.

Há, no entanto, uma tradução que não teve medo de se enfrentar com a literalidade: a edição francesa das obras completas de Freud, levado a cabo sob a direcção científica de Jean Laplanche. De facto, a primeira frase aparece-nos como “ce sexe raccourci en un point décisif” (OC/P, XVII: 197), e a segunda como «elle a été “réduite à la portion congrue”» (*ib.*: 32), acompanhada de uma nota de roda-pé em que se afirma ser a expressão “zu kurz kommen” algo corrente em alemão, com o sentido de “être réduit à la portion congrue, être mal loti, ne pas avoir sa part...; le mot à mot serait «venir trop court”». Proponho uma hipótese explicativa para esta ausência de receio em assumir uma literalidade que me parece devida: o facto de ser uma tradução mais recente, iniciada em 1989, numa época em que o facto de se dizer que a mulher é um ser “encurtado” já não é muito susceptível de ser entendido de um modo ofensivo, sendo mais facilmente objecto de uma serena busca de razões que possibilitem compreender a utilização de uma tal frase, ou seja, a necessidade em que Freud se viu de recorrer a ela. Por outras palavras, uma certa segurança em si mesmas que as mulheres entretanto alcançaram, assim como o reconhecimento pelos próprios homens de que elas são de facto suas iguais em direitos e dignidade, teria feito com que os “encurtamentos” freudianos pudessem surgir sem problemas à luz do dia⁶.

Pessoalmente, o principal motivo que, num contexto freudiano, me leva a falar da mulher como “sexo encurtado”, é o de que esta expressão me parece poder resumir com propriedade e de um modo condensado – ou encurtado – o modo como Freud a encara, não só no campo sexual, mas também noutros contextos, como por exemplo o cultural e o religioso. Freud tem consciência que sobre as mulheres pesa um destino mais duro que sobre os homens. Por isso mesmo, Freud dirá nas *Novas Lições* que a impressão que lhe causa um homem com aproximadamente trinta anos é muito distinta da impressão que lhe causa uma mulher da mesma idade. No homem, vê ainda muitas possibilidades em aberto, um jovem inacabado pronto a aproveitar ao máximo as hipóteses que a análise lhe proporcione; na mulher da mesma idade, pelo contrário, o que assusta frequentemente, escreve Freud, é a inflexibilidade

(*Starrheit*) e a imutabilidade (*Unveränderlichkeit*, SA, I: 564) psíquicas de que dá mostras. Como se, acrescenta, “a difícil evolução para a feminilidade tivesse esgotado as possibilidades da pessoa” (“[...] als hätte die schwierige Entwicklung zur Weiblichkeit die Möglichkeiten der Person erschöpft”, *ib.*). Dir-se-ia, portanto, que as mulheres sofrem de um qualquer “encurtamento”. Neste aspecto, Deleuze, não obstante todo o seu anti-edipianismo, dar-lhe-ia razão: é claro que há, afirma, uma dissimetria entre os sexos, mas isso resulta apenas de a menina ser a primeira a quem roubam os seus “*n* sexos”, as múltiplas conexões que poderia estabelecer noutras circunstâncias (cf. Deleuze *et al.*, 1982). Quando, de acordo com Deleuze, se fala de homem e mulher, já só nos estamos a referir a seres aos quais foram roubados esses “*n* sexos”. E nem a teoria da bissexualidade, sempre invocada por Freud mas nunca desenvolvida, poderia satisfazer Deleuze.

Ainda acerca de restrições impostas ao desenvolvimento infantil, recorde-se como Freud, em *A questão da análise por não-médicos*, afirmava que as crianças de quatro a cinco anos são de um modo geral intelectualmente muito vivas, enquanto fica com a impressão de que a sua entrada no período de latência redundava na sua inibição intelectual, tornando-as mesmo estúpidas. Encurtadas, diríamos nós. Mesmo ao nível físico, acrescenta Freud, muitas crianças perdem então o seu encanto (cf. SA, 305). Ora se isto acontece às crianças em geral, quanto não acontecerá às meninas em particular? Aliás, já na obra *Moral sexual cultural e nervosismo moderno*, de 1908, Freud explicava a indubitável inferioridade intelectual de tantas mulheres dizendo que, para vencer, a repressão sexual que sobre elas se abatia tinha primeiro, e forçosamente, que as inibir intelectualmente, que as “encurtar”, diríamos (cf. SA, IX: 28; ver igualmente *ib.*, pp. 180-1).

Como afirmei já, este encurtamento da mulher em Freud está presente em vários domínios. Para finalizar, vou apenas tentar demonstrar como esse encurtamento abrangeu igualmente uma deusa grega referida algumas vezes na sua obra: Pallas Athena. Há aliás um motivo suplementar para enveredar por aqui: de toda a sua vasta colecção de estatuetas, a de Pallas Athena era aquela que Freud mais venerava, a sua favorita, como confessou à poetisa Hilda Doolittle (cf. Doolittle, 1956: 103-4). Através de uma nota de *Moisés e o monoteísmo* (cf. SA, IX: 495, nota 1), voltemos então ao período minóico. Mais concretamente, a Creta. Freud parte de uma suposição do arqueólogo Arthur Evans: o palácio de Minos, em Knossos, teria sido finalmente destruído por um tremor de terra. Ora, nessa altura – não sei se Freud ainda se apoia ou não em Evans para fazer estas afirmações –, era aí venerada, assim como provavelmente no resto do mundo egeu, a grande deusa mãe que, ao mostrar-se incapaz de defender as pessoas dos abalos de terra, teria provavelmente aberto o caminho para a sua substituição por um deus masculino como Zeus, a quem se atribui precisamente o poder de abalar a terra. Freud está convencido de que foi durante estas épocas obscuras que as deusas maternas foram substituídas por deuses masculinos que, originariamente, teriam sido talvez os seus próprios filhos. E é aqui que entra Pallas Athena e o seu “destino impressionante”. Freud diz não ter dúvidas de que ela era uma deusa materna, a forma local da mãe-deusa. Mas

o que é que lhe acontece no meio desta revolução masculina? Através dela, e citemos, “foi reduzida a ser uma filha, foi roubada da sua própria mãe e, tendo-lhe sido imposta a virgindade, foi excluída para sempre da maternidade”⁷. De facto, se nos recordarmos de uma das versões deste mito, veremos que Athena, já toda armada, foi dada à luz pela cabeça do seu pai Zeus, instância divina que entretanto tinha engolido a deusa Métis, grávida de Athena. Mais uma vez, depois de um período minóico, dá-se o roubo – Deleuze não está longe – e a consequente diminuição das capacidades da mulher.

Depois desta referência ao destino impressionante de Pallas Athena, Freud nada mais acrescenta. Pela minha parte, permito-me dizer que, embora impressionante, o destino que se abateu sobre Athena é extremamente lógico para quem, como Freud, irá dizer no mesmo *Moisés* que a civilização deu um grande passo em frente quando decidiu afirmar que a paternidade é mais importante que a maternidade, que isso foi um grande avanço em direcção à *geistigkeit*, ou seja, à intelectualidade e espiritualidade (cf. *ib.*: 557). Conclusão: um “encurtamento” da mulher redundou num progresso civilizacional. *Freud dixit*.

Ainda a propósito deste encurtamento e de Pallas Athena, apenas mais um pormenor. Quando Freud mostrou a sua estatueta preferida a Hilda Doolittle, fê-lo como um grande apreciador de arte, dizendo-lhe que se tratava de algo perfeito – “she is perfect”. Mas logo acrescentou, também em inglês: “only she has lost her spear” (Doolittle, 1956: 104), o problema é que perdeu a lança. De facto, a lança, juntamente com o elmo dourado e o escudo com a cabeça de Medusa, são alguns dos atributos de Athena de acordo com a mitologia. A estatueta de Freud não parecia possuir escudo⁸. Se o tivesse, o símbolo da castração estaria bem visível, pois já sabemos que foi essa a interpretação que Freud fez da cabeça de Medusa. Em compensação, falta-lhe a espada. Como é óbvio, é muito difícil pensar que a observação de Freud perante Hilda Doolittle não tivesse sido extremamente significativa ou insinuante, chamando a atenção para o “encurtamento” do “feminino”. Mas, cabe perguntar, o mais originário numa menina é o seu desejo de actividade ou o seu desejo de um órgão sexual masculino? Ou possuir este órgão é simplesmente uma carta de alforria em relação à passividade que não se deseja?

Perante as mulheres, Freud teve algumas vezes uma atitude de notável compreensão dos seus problemas ou do seu sofrimento. Por exemplo, não pode deixar de ser interessante ressaltar que, perante as condições em que os casamentos geralmente funcionavam, tenha dito que as mulheres precisavam de ter muita resistência psíquica para os suportar, e que a incapacidade de os médicos as ajudarem fazia remeter as supostas soluções para a natureza ou a passagem do tempo: a cura viria, primeiro, da menstruação, depois do casamento, e a seguir da menopausa. No fim, escreve com ironia Freud, só a morte ajudava verdadeiramente a resolver o assunto (cf. SA, EB: 323). No entanto, mesmo tentando libertar-se do pensamento convencional, Freud enfermou a meu ver de várias limitações quando tentou pensar a mulher. Provavelmente, ele próprio tinha consciência delas quando confessou à sua amiga princesa Maria Bonaparte que, depois de trinta anos de estudo da alma feminina, havia ainda uma per-

gunta a que não sabia responder: o que quer a mulher? (cf. Jones, 1955, II: 445). Afinal, poderíamos perguntar, tal como Breuer, tão-pouco Freud fora suficientemente faustiano para obter a chave que o conduziria às grandes mães? O que é que o impediu, a ele que, por ser judeu, se achava mais livre dos pensamentos que faziam parte da "maioria compacta"? Faço uma sugestão: peguemos numa das cartas que, em 1883, Freud escreveu à sua futura mulher, Martha Bernays, e talvez encontremos aí uma grande parte da resposta.

Nessa carta, de 15 de Novembro, discute algumas das ideias de Stuart Mill sobre a emancipação das mulheres, pois Martha andava a ler alguns dos seus textos e era preciso não haver equívocos. O lugar da mulher era em casa, tratando das crianças, escreve Freud. Mesmo que o seu trabalho fosse simplificado, isso absorvia suficientemente um ser humano para poder ter hipótese de ganhar dinheiro no exterior. Além do mais, seria impensável querer lançar as mulheres no mundo do trabalho como os homens. Deveria ele, Freud, passar a encarar a sua querida namorada como um seu concorrente? Impossível. Podia ser, concedia, que um outro tipo de educação conseguisse abafar as qualidades delicadas da mulher e a sua necessidade de protecção, tornando-a capaz de ganhar a vida como um homem. Mas, nessa altura, perder--se-ia "a coisa mais preciosa que a vida nos pode oferecer: o nosso ideal de feminilidade" (Freud, 1991:87). Freud não o perdeu, evidentemente. Mas, ao nível do seu trabalho científico ou especulativo, ter-lhe-á valido a pena conservá-lo? Não teríamos nós beneficiado muito mais com a sua perda ou, já agora, com o seu "encurtamento"?...

Notas

1- S. Freud, SA, I: 545: "Männlich oder weiblich, ist die erste Unterscheidung, die Sie machen, wenn Sie mit einem anderen menschlichen Wesen zusammentreffen, und Sie sind gewöhnt, diese Unterscheidung mit unbedenklicher Sicherheit zu machen". A sigla SA significa *Sudienausgabe*, remetendo para uma edição das obras de Freud com 10 volumes numerados e um suplementar, *Ergänzungsband*, que será referido pela sigla EB e não por um número (que não possui).

2- Cf., por ex., SA, I: 545 e 547.

3- SA, V: 278: "Das Geschlechtsleben des Weibes zerfällt regelmäßig in zwei Phasen, von denen die erste männlichen Charakter hat; erst die zweite ist die spezifisch weibliche".

4- Ver toda a descrição deste jogo, assim como explicações alternativas, em SA, III: 224-227.

5- SA, V: 261: "Sie ist im Nu fertig mit ihrem Urteil und ihrem Entschluß. Sie hat es gesehen, weiß, daß sie es nicht hat, und will es haben".

6- Vejamos agora o que acontece na tradução espanhola das obras completas de Freud, publicadas pela Biblioteca Nueva. A primeira frase que assinalai, aquela em que se trata do sexo feminino como sexo encurtado num ponto decisivo, aparece-nos como "sexo que es defectuoso en un punto tan decisivo" (BN, III: 2899). Quanto à segunda frase, ela é simplesmente reduzida a "[la niña] encuentra pequeño el suyo [pene]" (BN, III: 2751).

7- SA, IX: 495, nota 1: "[...] zur Tochter herabgesetzt, ihrer eigenen Mutter beraubt und durch die ihr auferlegte Jungfräulichkeit dauernd von der Mutterschaft ausgeschlossen wurde".

8- Ver reprodução da mesma em S. Freud, 1992: xvii.

Referências bibliográficas

- Doolittle, Hilda (1956), *Tribute to Freud. With unpublished letters by Freud to the author*, New York: Pantheon Books Inc..
- Freud, Sigmund (1940-68), *Gesammelte Werke* [GW]. Chronologisch geordnet, 18 vols., Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- Freud, Sigmund (1953-74), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* [SE], 24 vols., trad. sob a direção de James Strachey, London: Hogarth Press.
- Freud, Sigmund (1973), *Obras Completas*, 3 vols., 3ª ed., , revista e aumentada, trad. de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres, Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, Sigmund (1989), *Studienausgabe* [SA], 10 vols. numerados mais um suplementar, *Ergänzungsband* [EB], 1969-1975 [ed. ut.: Frankfurt am Main: Fischer Verlag].
- Freud, Sigmund (1989-), *Oeuvres complètes de Freud/Psychanalyse* [OC/P]. Directores da publicação: André Bourguignon e Pierre Cotet; director científico: Jean Laplanche; 21 vols., Paris: PUF.
- Freud, Sigmund (1986), *Briefe an Wilhelm Fließ. 1887-1904*, Ungekürzte Ausgabe, org. de Jeffrey Moussaieff Masson. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag [edição/tradução americana em 1985].
- Freud, Sigmund (1991), *Correspondance. 1873-1939*, Nouvelle édition augmentée, trad. de Anne Berman, com colab. de Jean-Pierre Grossein, Paris: Gallimard.
- Freud, Sigmund (1992), *Chronique la plus brève. Carnets intimes 1929-1939*, trad. do alemão e do inglês, ed. anotada e apresentada por Michael Molnar, Paris: Albin Michel.
- Jones, Ernest (1955), *Sigmund Freud: Life and Work*, vol. II: *Years of Maturity. 1901-1919*. London: Hogarth Press [ed. ut.: *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud*, vol. II: *Les années de maturité. 1901-1919*, trad. de Anne Berman. 4ª edição, Paris: PUF, 1988].

